

tadas e suas trajetórias históricas. Abordando desde as políticas liberais, de ajustamento ou de intervenção, o autor mostra seu ceticismo em relação à eficiência de tais políticas no contexto africano. Ao longo da história econômica do continente, elas não teriam conseguido enfrentar plenamente ou solucionar os principais desafios econômicos da África.

Outro aspecto interessante observado é a diversidade das trajetórias históricas dos diferentes modelos de política econômica. Os principais pólos regionais, em torno dos quais houve certo nível de desenvolvimento econômico, são analisados, a saber: a África do Sul, a Nigéria e a África Ocidental de expressão francesa.

Para concluir, Hugon discute perspectivas. Em uma visão bastante menos pessimista do que a maioria dos textos recentes sobre a economia da África, o autor não deixa de reconhecer a viabilidade do continente. Criticando o *afro-pessimisme*, Hugon acredita que será possível a saída do fundo do poço, desde que os países africanos, através de um esforço político brutal das suas elites, encontrem algum caminho menos tortuoso para o desenvolvimento.

José Flávio Sombra Saraiva

O Rio de Janeiro e a Conjuntura Atlântica

MEDEIROS dos Santos, Corcino. *O Rio de Janeiro e a Conjuntura Atlântica*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1993.

Fruto de esmerada pesquisa, "O Rio de Janeiro e a Conjuntura Atlântica" situa-se na linha de pesquisa científica percorrida e iniciada pelos historiadores franceses Fernand

Brandel, Frédéric Mauro e Pierre Chaunu e, no Brasil, por Cecília Westphalen e Manoel Nunes Dias. Os estudos norteados por ela -- como o de Corcino Medeiros dos Santos -- estão preocupados em demonstrar as perspectivas da história quantitativa objetiva, onde os números -- e como ler um número -- não são um fim em si mesmo, mas um meio de explicação da realidade histórica com maior eficiência do que uma mera descrição, seja ela analítica ou qualitativa. A preocupação é, portanto, com a história quantitativa globalizante, a história total.

É dentro desse raio de perspectiva que o novo livro do historiador Medeiros dos Santos oferece uma visão conjuntural da importância do Atlântico do sudeste brasileiro, na passagem do século XVII ao XIX. O legalizar de uma situação já existente, a da abertura dos portos às nações amigas, definida pelo autor como ruptura definitiva da metrópole, desfez o forte elo de ligação existente, diferenciando os interesses metropolitanos dos interesses da Colônia, abrindo caminho à emancipação política. É contra este pano de fundo que são trançados os fios condutores da investigação.

O governo do Rio de Janeiro era o líder político e administrativo do Centro-Sul do Brasil Colônia, subordinando "...as capitâneas do Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul". Assim, "as comunicações, relatórios e atos oficiais referentes a essas localidades iam para as sedes ou para a Metrópole". A localização dessas fontes implicou, assim, em minuciosa pesquisa em arquivos como o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e o Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Complementarmente, a pesquisa estendeu-se, entre outros, ao Archivo General das Índias -- Sevilla, Buenos Aires --, ao Archivo General de La Nación -- Argentina, -- ao Archivo Histórico Nacional de Madri, ao Archivo General de La Nación de Uruguai e a instituições como a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o British Museum.

Dividido em três capítulos, ordenadamente, o autor nos passa uma nítida noção da importância do Oceano Atlântico, da posição geográfica do Porto do Rio de Janeiro e das condições de seu afortamento. Num segundo momento, temos elencado o movimento de embarcações e de mercadorias chegando-se a questões de ocupação do solo e de estrutura fundiária, até às condições da Alfândega do Porto do Rio de Janeiro. O Capítulo III trata da navegação de longo curso e comércio internacional. O livro é ainda leitura imprescindível para todos aqueles estudiosos dos primórdios do africanismo no Brasil. Assim, pontos como a mortandade de escravos em viagem, o comércio com portos de escravos e o atraso de Angola em benefício do Brasil são pormenorizadamente descritos. Um outro item importante é o comércio com as colônias espanholas do rio da Prata e a questão das fronteiras: "O vice-rei D. Nicolas de Arredondo se preocupou muito mais com as fronteiras por considerá-las grandes caminhos para o Brasil. Visava evitar a saída de prata, gado, couros, cavalhadas e mulas e ao mesmo tempo conter a introdução de mercadorias de contrabando" (p.183), bem como o comprometimento do "coronel Rafael Pinto Bandeira, processado pelo seu grande envolvimento com os espanhóis" referente à "prática constante do contrabando público" (p.191).

Três anexos referentes à relação dos gêneros e fazendas próprias do consumo do rio da Prata e Reino do Peru; produção da América Meridional, via Montevideo e Buenos Aires com os preços correntes à época e a pauta da Alfândega do Rio de Janeiro de 1766-1799, encerram o volumoso estudo.

O resultado do trabalho de Corcino Medeiros dos Santos é analítico, lúcido e interpretativo, enriquecendo os estudos sobre o fortalecimento do capitalismo moderno, produção e circulação de riquezas. Com belíssima capa de Victor Burton, ilustrada com vista de uma esquadra inglesa na Baía de Guanabara (séc. XVIII), editado pela Expressão e Cultura, constitui

um magnífico exemplo de tentativa do que George Lluppert denominou de “l'idée de l'histoire parfaite.”

Luciara Silveira de Aragão e Frota

Alimentar o Paraná Província

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. *Alimentar o Paraná Província*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná (tese), 232 pp.

Com o subtítulo *A formação da estrutura agroalimentar*, C.R.A. dos Santos desenvolve uma pesquisa que se inscreve no conjunto de reflexões acerca da história da alimentação, vista como um fenômeno a um só tempo cultural, econômico e social.

Para o autor, a ênfase na produção agrícola voltada ao abastecimento da população se constitui, na metade do século XIX, num dos itens mais importantes para o projeto de modernização da província do Paraná, ao lado dos discursos abolicionista e em prol da imigração européia.

Ora, se o projeto de modernização que orienta as elites brasileiras nesse período inspira-se no pensamento liberal cujas principais matrizes provêm da Inglaterra — país onde surge a Economia Política — como entender, indaga-se o autor —, a intervenção estatal no mercado de produtos agrícolas? Para responder a esta questão, C.R.A dos Santos percorre, através dos periódicos existentes à época, as ruas da cidade de Curitiba. Capital da província, a cidade sofre um desenvolvimento significativo devido à expansão do comércio de erva-mate, tanto no plano nacional como no internacional (1850-1860); desse processo, resulta o aumento da produção no meio urbano e, conseqüentemente, o aumento da demanda por alimentos, o que não se faz acompanhar pelo aumento da produção neste setor. Daí a fome, os protestos, as denúncias contra os preços abusivos;